

**III Congresso Internacional e V Nacional de Africanidades e
Brasilidades em Educação 23, 24 e 25 de novembro de 2020
Universidade Federal do Espírito Santo. GT Africanidades e
Brasilidades em Literaturas e Linguística**

**“O PASSADO NÃO SE ESQUECE. ADORMECE COMO SEMENTE NO
FUNDO DA MENTE. CAI NO SOLO E GERMINA ESPINHOS NO
PRESENTE”: ANCESTRALIDADES E MATRILINEARIDADE
AFRICANAS EM *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, DE PAULINA
CHIZIANE¹**

Otávio Klug de Almeida²
Jurema Oliveira³

Resumo

O presente trabalho procura investigar questões e marcas da ancestralidade africana como estratégia de rememoração dessas concepções, apagadas e silenciadas pelo colonialismo, na construção narratológica das literaturas africanas a fim de inscrever uma perspectiva crítica e endógena sobre os problemas trazidos pela colonização e o fomento de uma consciência cultural para (re)buscar esses valores. A análise vai focalizar a narrativa ficcional intitulada *O Alegre Canto da Perdiz*, da autora moçambicana Paulina Chiziane. Conjuntamente a esse pilar de investigação, mostra-se profícuo também analisar a representação ficcional que a autora desenvolve baseada na matrilinearidade das antigas sociedades africanas e o conflito gerado pela inserção do patriarcado nessas sociedades por meio da colonização, instaurando a desordem social pelo contato cultural dissidente. Partindo

¹ Pesquisa desenvolvida na condição de aluno bolsista de Iniciação Científica (CNPQ), vinculado ao projeto “Ancestralidade, Pan-africanismo e Afro-brasilidade” coordenado pela Prof^a. Dr^a. Jurema Oliveira

² Graduando do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: otavioklug@hotmail.com

³ Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/PNPD/Capes). Professora associada da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e pesquisadora da Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo – Fapes. E-mail: juremajoliveira@hotmail.com

de aportes teóricos como o de Fábio Leite (2008), um dos primeiros antropólogos no Brasil a fazer uma descrição aprofundada da identidade cultural africana através do princípio da ancestralidade; e de Cheikh Anta Diop (1989) e Oyèrónké Oyěyùní (2004), que estabelecem parâmetros teóricos acerca do tema, apontando exemplos históricos da matrilinearidade como constituinte da mentalidade cultural e social africana, procuraremos alcançar a compreensão do suporte que esses elementos oferecem na construção da narrativa africana enquanto reivindicação de um espaço discursivo que sempre lhe fora negado.

Palavras-chave: Ficção; ancestralidade; matrilinearidade.

“O passado não se esquece. Adormece como semente no fundo da mente. Cai no solo e germina espinhos no presente”: ancestralidades e matrilinearidade africanas em *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane

O colonialismo deixou suas marcas nas sociedades colonizadas. O sistema colonial se processa dicotomicamente na relação entre dominador e dominado e a historiografia desses povos subalternizados vem sendo escrita de diversas formas. Na contemporaneidade, em que ainda observamos os resquícios desse processo violento, podemos detectar o empreendimento de ações que vão a contrapelo a esses ideais nas mais diversas instâncias sociais, sendo a forma mais utilizada e efetiva aquela que se dá no âmbito artístico, abrangendo a pintura, o cinema, a literatura, entre outros campos da arte. Sobre a produção literária africana de língua portuguesa, Oliveira (2010) faz a seguinte afirmação:

A produção literária nos países africanos divide-se em duas fases: a da literatura colonial e a das literaturas africanas. A primeira exalta o homem europeu como herói mítico, desbravador das terras inóspitas, portador de uma cultura superior. A segunda constitui-se inversamente, pois nela o mundo africano passa a ser narrado por outra ótica. O negro é privilegiado com solidariedade no espaço

material e linguístico do texto, embora não sejam excluídas as personagens europeias (de características negativas ou positivas). É o africano, enquanto personagem ficcional ou poético, o sujeito do enunciado. (2010, p.13-14)

É nessa perspectiva que o livro *O alegre canto da perdiz* (2008), que constituiu o *corpus* da presente análise, se inscreve. A narrativa, que se ambienta em Moçambique, expõe as dissidências remanescentes do colonialismo e os seus efeitos nos personagens da obra. Identifica-se a questão no excerto em que Chiziane escreve: “os marinheiros [colonizadores] civilizavam o povo arrancando-lhes os olhos da cara. Cristianizavam fornicando as mulheres nas matas. Construiu o novo mundo com espadas, canhões e chicote. Pacificaram a terra arrancando a língua da boca” (2008, p. 74). Com destaque para os verbos presentes neste trecho – “civilizavam”, “cristianizavam”, “construíram”, “pacificaram” –, a autora mostra a hipocrisia dos objetivos ao confrontá-los com a maneira utilizada para atingi-los. Além dos conflitos mostrados, Chiziane empreende um resgate de saberes e valores tradicionais para compor a sua escrita, tendo a ancestralidade como um conceito recorrente. De acordo com Leite (2008),

[...] configurado o fim da vida no espaço terrestre, a sociedade, vendo-se diante da morte, organiza-se rapidamente para dar continuidade à existência do homem, desta feita vivida no país dos ancestrais. De onde se explica a notável importância das cerimônias funerárias, veículos que permitem à sociedade efetivar essa mutação crucial do ser humano. (p.104)

O cientificismo ocidental pode classificar os rituais de passagem como algo de caráter estritamente simbólico e religioso, quando na verdade eles se mostram essencialmente conectados com a estruturação da lógica cultural da comunidade, garantindo a continuidade e a sobrevivência da própria sociedade como um todo. Desse modo, a morte:

[...] é considerada quase sempre um fator mágico e exterior ao homem. Essa proposição concilia-se com a explicação das origens divinas do homem e do equilíbrio estabelecido entre os elementos vitais dele constituintes, sendo a morte a sua antítese. Mas embora a sociedade atribua às instâncias mágicas o papel principal no desencadeamento dos processos que levam à morte, estabelece, entretanto, regras precisas para definir, segundo padrões institucionais. (LEITE, 2008, p. 95)

Os ancestrais são o elo central de comunicação entre as pessoas e o sagrado, isto é, o acesso a esse princípio estruturante de suas comunidades, o que evidencia a sua importância. O processo de sua configuração envolve a separação dos elementos do plano material e a sua preparação de ingresso em uma existência não visível. Essa questão é crucial, na medida em que delimita:

[...] dois universos – o da existência terrestre e o dos ancestrais – dentro, porém de uma dimensão eminentemente social. Essa proposição é observável na forte coesão, que no mesmo momento se manifesta no interior da sociedade. Tal coesão não significa apenas a rejeição simbólica da morte nem somente um mecanismo acionado para vencê-la – a mais periférica das constatações –, mas também a afirmação de que a sociedade realmente concebe a existência de dois aspectos do universo da vida, onde se estabelecem relações prioritárias no momento diferencial proposto por esse tipo de evento. (LEITE, 2008, p. 112)

A questão ancestral atravessa toda a narrativa de *O Alegre Canto da Perdiz* (2008). Isso é demonstrado em um diálogo entre o personagem José dos Montes, pai de Maria das Dores, e um conhecido que trabalhava para os portugueses. O segundo consolava o primeiro, pois ambos compartilharam a experiência da traição pelas suas cônjuges com homens brancos que ofereciam prestígio social a partir da relação extraconjugal. No diálogo, José dos Montes se queixa da situação, cogitando a morte como solução para a desonra, até que seu interlocutor o adverte:

Não faça asneiras, José dos Montes. Sei que é difícil caminhar no mundo quando o corpo vive neste e a alma anda vagueando no outro. Resistir é mesmo isso. É muito difícil a existência humana. Dentro de nós, há algo que nos faz resistir. Uma outra vida, talvez. Um outro corpo. Uma outra alma. (CHIZIANE, 2008, p. 222)

Este excerto descrito anteriormente é a expressão literária do ciclo de ancestralidade, que se caracteriza no elo entre o plano material e o plano espiritual, estabelecendo uma relação de interdependência entre ambos. *O Alegre Canto da Perdiz* (2008) traz para a cena literária uma situação conflituosa, já que uma mulher nua vista nas margens do rio Licungo, um trecho exclusivo aos homens, gera discórdia. Surpreendentemente ou não, a tentativa de resolver a situação parte de um grupo de mulheres. A personagem nua, Maria das Dores, é interpelada por diversas perguntas sobre seu nome e sua identidade, mas as respostas surgem textualmente na forma de um monólogo interior. A condição de mulher negra subalternizada e colonizada se mostra no nome recebido provavelmente com o batismo católico, Maria das Dores. Este dado destoa dos princípios norteadores dos valores matriciais moçambicanos. O nome carrega uma carga simbólica importante, já que é um:

[...] atributo revelador de suas características mais significativas, que permitem a identificação profunda da essência natural e social do indivíduo. [...] O nome propõe a consciência do desenvolvimento qualitativo da existência natural e da progressão histórica da personalidade. Visto sob esse ângulo abrangente, proposto pela sociedade, o nome pode ser considerado, ele mesmo, também como um elemento vital constitutivo do homem [o ser humano], sendo sua natureza, no entanto, de ordem histórica. (LEITE, 2008, p. 69)

Maria das Dores encarna ficcionalmente a dor coletiva que as estruturas de dominação infligem à mulher negra, atestada pelo seu relato: “Das palavras conheço as injúrias, e dos gestos, as agressões. Tenho o coração quebrado. O silêncio e a solidão me habitam. Eu sou Maria das Dores, aquela que ninguém vê” (CHIZIANE,

2008, p. 17). Com o desenvolvimento da narrativa, descobrimos que a protagonista sofre com uma insanidade psicológica, acarretando a fragmentação de sua memória e deixando lacunas que poderiam oferecer uma explicação sobre a sua situação. Esse esquecimento não é arbitrário, mas duplamente orquestrado: pelo indivíduo que sofre, tentando fugir do enfrentamento de suas feridas emocionais; e pela dominação colonial, no esforço de apagar os vestígios históricos do seu legado de miséria.

O grupo de mulheres que assediou moralmente Maria das Dores busca a opinião do régulo da aldeia, o detentor do saber ancestral institucional. Devido a sua ausência, quem o substitui é a sua esposa:

As mulheres abandonam o rio e correm velozes à casa do régulo para buscar a solução do enigma. Vão à casa do régulo, mas ele não está, foi à taberna tomar o trago vespertino na assembleia dos homens. A sua velha esposa abandonou os seus afazeres para acudir à multidão assustada. Os olhos de terror convergindo sobre ela. Olhos anémicos, incrédulos. E as vozes falavam todas ao mesmo tempo. Deliravam. A velha senhora não conseguia sequer ouvir o que diziam. O que queriam. Sabia apenas que tinham fome no espírito. Teve que bater as palmas e soltar um grito para impor o silêncio. (CHIZIANE, 2008, p. 17)

Esse ponto da narrativa expressa uma das peculiaridades de Chiziane como escritora. Não é sem motivo que a autora se posiciona politicamente ao se desassociar do título de romancista, uma configuração europeia daquele que desempenha a arte das letras. Chiziane faz questão de se colocar como contadora de histórias, devotando a excelência de sua capacidade aos contos ao redor da fogueira, considerando-os como a sua primeira escola de arte. Dessa forma, no interior da obra, a autora insere pequenas narrativas que carregam um significado latente do contador. A esposa do régulo, para auxiliar na interpretação das causas e efeitos da presença de Maria das Dores, conta uma história sobre a apropriação da autonomia feminina:

[...] Os homens invadiram o nosso mundo – dizia ela –, roubaram-nos o fogo e o milho, e colocaram-nos num lugar de submissão. Enganaram-nos com aquela linguagem de amor e de paixão, mas usurparam o poder que era nosso. Uma mulher nua do lado dos homens? Ó gente, ela veio de um reino antigo para resgatar o nosso poder usurpado. Trazia de novo o sonho da liberdade. (CHIZIANE, 2008, p. 21-22)

A narrativa de Chiziane expõe através da narração princípios matrilineares. Essa inscrição colabora em desmentir a universalização e a progressão evolutiva do sistema patriarcal, indicando que a desigualdade de gênero em África não é um conflito autóctone, mas um sistema transplantado pela colonização. A partir disso, podemos observar que, se a ancestralidade sustenta a construção imagética na obra de Chiziane, o matriarcado também tem sua função de sustentabilidade. Para pensar esta perspectiva convoca-se Diop, que se propõe a discutir as formações sociais de regimes patriarcais e matriarcais de forma comparativa entre diversos povos dos hemisférios sul e norte, desconstruindo o discurso falacioso do cientificismo eurocêntrico lançado sobre grupos sociais autóctones marginalizados pelo imperialismo. Diop afirma que:

É improvável que berços tão distintos geograficamente como as estepes eurasiáticas – propícias à vida nómada – e as regiões meridionais do globo, em particular a África – propícias à agricultura e à vida sedentária – tenham engendrado os mesmos tipos de organização social. Esta crítica adquire todo o seu valor se admitirmos a influência do meio sobre as formas sociais e políticas. (DIOP, 2010, p. 27)

A linha de raciocínio dessa afirmação se baseia nas circunstâncias que propiciariam o surgimento de organização sócio-política nas diversas regiões do planeta. A vida nômade do berço nórdico tinha na força bruta a qualidade mais prestigiada, o que favoreceu os homens, relegando à mulher ao seu papel de procriadora; enquanto que a vida sedentária do berço meridional, tendo a agricultura

como um dos pilares da subsistência, possibilitou uma divisão mais igualitária dos encargos. A conclusão de Diop é de que a maioria dos povos localizados no berço meridional (o continente africano, principalmente) tenderia a uma organização matriarcal, a valorização do coletivismo social, a emancipação da mulher na vida essencialmente doméstica, etc; em contraposição aos povos do berço nórdico (sobretudo, a atual Europa) que tenderiam à organização patriarcal, individualista, etc. A importância dessa inferência, reconhecendo as prováveis limitações espaciais e humanas, serve para desmistificar a falsa universalidade do regime patriarcal, contribuindo, assim, para a profunda compreensão das diferentes configurações sociais pelo recorte de gênero.

Na mesma esteira de pensamento é que se encontra a intelectual nigeriana Oyèronké Oyěwùmí, que, em seu livro *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses* (1997), busca compreender as relações de gênero em África a partir da subversão das tentativas dos movimentos feministas contemporâneos em intervir socialmente no continente com o objetivo de promover a igualdade de gênero. A perspectiva de Chiziane vai de encontro com o que Oyěwùmí teoriza, estabelecendo uma epistemologia com o intuito de refletir sobre a condição da mulher na África e problematizando os efeitos do patriarcado no continente. Há forte contundência nos questionamentos de Oyěwùmí em relação às ações do movimento feminista euro-americano na África, ocorrendo em função dos idealizadores ignorar e passar por cima de diversas questões culturais locais. Chiziane não compartilha dessa visão teórica e já manifestou publicamente não ser feminista⁴. De acordo com a autora, existem outras possibilidades de resistências no continente africano contra a estrutura patriarcal, tendo em vista que a condição da mulher não é universal, ou seja, a situação da mulher em Moçambique, por exemplo, não é a mesma do sistema social euro-americano. Apesar de se expressar de forma radical ao regime patriarcal, buscando estratégias que alcancem a efetiva emancipação feminina, o movimento feminista falha ao universalizar essa estrutura

⁴ FAGUNDEZ, Ingrid. Primeira romancista de Moçambique diz não ter liberdade para escrever como um homem: 'Somos prisioneiras'. BBC, São Paulo, 30 out. 2016. Internacional. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37734763>. Acesso em: 13 set. 2020.

de dominação. A semelhança com as expedições colonizadoras que objetivavam propagar uma noção etnocêntrica de civilidade é evidente e Oyěwùmí registra essa percepção:

From a cross-cultural perspective, the more interesting point is the degree to which feminism, despite its radical local stance, exhibits the same ethnocentric and imperialistic characteristics of the Western discourses it sought to subvert. [...] The assumption and deployment of patriarchy and “women” as universals in many feminist writing are ethnocentric and demonstrate the hegemony of the West over other cultural groupings. (OYĚWÙMÍ, 1997, p. 12; 15)⁵

Outra discussão que a autora aborda no livro e que concorre com as questões anteriormente citadas é a questão da maternidade, sendo ela também uma instituição ancestral de extremo valor social. Oyěwùmí trata desse assunto no livro *What Gender is Motherhood?* (2016), no qual a socióloga pretende analisar as limitações dos aparatos teóricos ocidentais, as relações dos estudos de gênero em África e o seu vínculo com a instituição materna. A autora, retomando a valorização da senioridade em culturas africanas, escreve que:

At the core of the seniority-based system is Ìyá, who symbolizes what I describe as the matripotent principle. Matripotency describes the powers, spiritual and material, deriving from Ìyá's procreative role. [...] The bonds between Ìyá and a particular offspring are seen to be strong and of a different order that any other kind of ties. The Ìyá-child dyad is perceived as predating the earthly appearance of the child and

⁵ “De uma perspectiva transcultural, o ponto mais interessante é o grau em que o feminismo, apesar de sua postura local radical, exibe as mesmas características etnocêntricas e imperialistas dos discursos ocidentais que procurava subverter. [...] A suposição e o desenvolvimento do patriarcado e ‘mulheres’ como universais em muitos escritos feministas são etnocêntricos e demonstram a hegemonia do Ocidente sobre outros agrupamentos culturais.” (OYĚWÙMÍ, 1997, p. 12 -15 tradução nossa)

therefore predates marriage and all other familial relations. (OYĚWÙMÍ, 2016, p. 58 - 60)⁶

Apesar de OyĚwùmí descrever a realidade cultural dos lorubá na Nigéria, é possível fazer uma aproximação com o que é observado na relação que a personagem Maria das Dores tem com sua mãe na infância, na qual a protagonista não questiona suas imposições (como por exemplo, ter a sua virgindade comercializada para um feiticeiro), por mais violentas que elas sejam: “Suportava em silêncio a cólera que a mãe derramava sobre ela. Era injusto, ela sabia, mas não queria reivindicar. Do ventre daquela mãe ela tinha nascido e não a queria desafiar, porque *desafiar uma mãe é desafiar o destino.*” (CHIZIANE, 2008, p. 274, grifo nosso). Dessa forma, o valor social da maternidade para essa perspectiva cultural é corrompido pelas desavenças promovidas pelo processo colonial.

Em um âmbito mais geral, a apreciação crítica da obra pode oferecer também a possibilidade de um posicionamento político por parte da escritora. Considerando a historiografia recente de Moçambique, como foi descrita por Visentini (2012), um dos acontecimentos mais importantes foi a Guerra Civil. Deve-se ter em mente que Chiziane se filiou durante parte da sua vida à FRELIMO (Centro-Esquerda), partido adversário da RENAMO (Direita-conservadora). O emblema oficial da RENAMO é uma perdiz, metaforicamente representado no título da obra literária estudada aqui. Na escolha do símbolo é possível entrever uma carga irônica como crítica política à atuação do partido no país. Isso se acentua no décimo nono capítulo do livro, quando o narrador afirma que: “o canto da perdiz numa noite sem lua era mau agouro” (CHIZIANE, 2008, p. 244).

A escritora arquiteta uma estória ficcional ambientada em Moçambique, mas intencionalmente combina o poder representativo que a literatura carrega com a essência cultural da ancestralidade e da matrilinearidade de seu povo, a partir de

⁶ “No cerne do sistema baseado na senioridade está *Ìyá* [mãe, em uma tradução aproximada], que simboliza o que descrevo como o princípio matripotente. Matripotência descreve os poderes, espirituais e materiais, decorrentes do papel procriador de *Ìyá*. [...] Os laços entre *Ìyá* e uma prole em particular são vistos como fortes e de uma ordem diferente de qualquer outro tipo de laço. A díade *Ìyá*-prole é percebida como anterior à aparência terrena da criança e, portanto, anterior ao casamento e todas as outras relações familiares.” (OYĚWÙMÍ, 2016, p. 58; 60, tradução nossa)

uma percepção crítica acerca da construção política local. Ao construir essa amálgama, sua literariedade não só desvela as atrocidades remanescentes do processo colonial que o imperialismo contemporâneo ainda visa eufemizar, como também produz uma perspectiva literária autêntica e própria da história de seu povo, já que “a multiplicidade de aspectos concretos assumidos pela ancestralidade negro-africana parece indicar, de maneira expressiva, que as ações históricas e os domínios sociais por ela abarcados são os elementos mais decisivos de sua explicação.” (LEITE, 2008, p. 380)

Referências bibliográficas

CHIZIANE, Paulina. **O Alegre Canto da Perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.

DIOP, Cheikh Anta. **A unidade cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica**. Lisboa: Edições Pedagogo, 2010.

LEITE, Fabio Rubens da Rocha. **A questão ancestral: África negra**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.

_____. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. n. 18-19, p. 103-118, 9 dez. 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74962/78528>. Acesso em: 18 ago. 2020.

OLIVEIRA, Jurema. *Literatura portuguesa: moderna e contemporânea*. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2010.

OYÈWÚMI, Oyèronké. **The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

_____. *What Gender is Motherhood?* New York: Palgrave Macmillan, 2016.